

Entre o rural e o urbano: modos de viver a velhice em Parintins

NONATO, Alice Alves Menezes Ponce de Leão¹

ALVES, Érica Nascimento²

ANSELMO FILHO, Samuel³
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

Este trabalho traça um panorama sobre o que é ser velho na cidade de Parintins – Amazonas a partir da inserção nos circuitos socioculturais das áreas urbana e rural. Entende-se que, na Amazônia, a vida das pessoas mais velhas é mediada por uma cultura que valoriza os saberes tradicionais e a ressignificação da vida através da convivência familiar, comunitária e social. A metodologia é resultante de pesquisa bibliográfica e de campo de dois projetos de iniciação científica. Conclui-se que a bela velhice não se amolda a um padrão, mas que respeita a pluralidade de vivências elaboradas e reelaboradas a partir da construção sociocultural que permeia a trajetória de vida dos idosos.

Palavras-Chaves: Velho; Cultura; Saberes Tradicionais.

Abstract

This paper provides an overview of what is to be old in the city of Parintins - Amazonas from the insertion in the socio-cultural circuits of urban and rural areas. It is understood that, in the Amazon, the lives of older people is mediated by a culture that values traditional knowledge and the reinterpretation of life through family, community and social life. The methodology is the result of bibliographic research and two scientific projects field. We conclude that the beautiful old age not conforms to a standard, but respect the plurality of elaborate experiences and reworked from the social and cultural construction that permeates the trajectory of life of older people.

Keywords: Olders; Culture; Traditional knowledge.

1. Introdução

O estado do Amazonas, segundo o censo do IBGE (2010), conta com uma população de 3.483.985 habitantes, sendo 210.255 velhos. A cidade de Parintins, conhecida como “a Ilha Tupinambarana”, localizada a 369 km da capital Manaus, possui uma população estimada em

1 Mestre em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia. Doutoranda em Sociedade e Cultura na Amazônia. Professora do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas – Campus Parintins. Orientadora de Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) – 2015-2016.

2 Acadêmica finalista do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas – Campus Parintins. Pesquisadora de Iniciação Científica (PIBIC) – 2015-2016.

3 Acadêmico do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas – Campus Parintins. Pesquisador bolsista FAPEAM de Iniciação Científica (PIBIC) – 2015-2016.

102.066 pessoas, sendo 6.067 velhos, maior parte residente no perímetro urbano e em sua maioria, mulheres. De acordo com o censo de 2007 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 66.481 pessoas vivem na área urbana e 35.427 vivem na área rural.

A velhice é condição humana, natural e inevitável. Natural, pelos sinais que o corpo emite que revelam o declínio da capacidade física e biológica, e cultural, na medida em que é revestida de conteúdos simbólicos que informam as ações e representações dos sujeitos (MERCADANTE, 2003). A cultura é um traço dominante na constituição das pluralidades de velhices. Ela delinea as formas de se viver a velhice e estabelece complexos de relações entre o eu e o Outro.

Na área urbana de Parintins, vemos uma velhice ligada à cultura do boi-bumbá, às festas de santos, ao trabalho informal e aos locais de socialização. O ritmo mais acelerado nos instiga a pensar em como esses velhos vivem suas velhices a partir da inserção nesses circuitos socioculturais. Da mesma forma, pensamos nas vivências da velhice dos idosos nas comunidades da zona rural de Parintins a partir dos lugares que frequentam, de suas trajetórias de vida imiscuídas nos saberes tradicionais, nas práticas de cura, benção e as memórias das histórias de lendas e visagens.

Este artigo tem como objetivo compreender como os espaços socioculturais no município de Parintins influenciam na forma dos velhos viverem suas velhices. Conhecendo suas trajetórias e modos de vidas, assim como suas expectativas e anseios, é possível orientar intervenções profissionais afinadas com seus interesses e perspectivas.

Este estudo pauta-se metodologicamente nos resultados de uma pesquisa bibliográfica e de campo pertencentes à finalização de duas pesquisas de iniciação científica no período de 2015 a 2016, que se propõem compreender as formas como os velhos da área urbana e rural do município de Parintins-AM vivenciam suas velhices a partir das significações socioculturais construídas ao longo de suas trajetórias de vida, fazendo uma análise qualitativa da vida dos velhos (“Velhos”, no sentido do indivíduo que atingiu a condição humana da velhice. Não será utilizado o termo “Idoso”, pois entendemos que se trata do sujeito das políticas públicas que são atendidos nas instituições, o que não foi o caso das pesquisas realizadas).

Para isso, a metodologia consistiu na realização de 30 entrevistas com velhos parintinenses, contemplando a área urbana e rural, sendo estes inseridos nos diversos circuitos socioculturais. Na área urbana, selecionamos os circuitos socioculturais frequentados pelos idosos, como Igrejas Católicas, Centro de Convivência do Idoso, Rezadeiras, Benzedadeiras,

Trabalhadores e Brincantes de boi-bumbá. Na área rural, selecionamentos benzedeadas, parteiras, rezadores, pescadores, comerciantes e frequentadores da igreja católica. Nos relatos transcritos, preservamos a identidade dos sujeitos, dando-lhes nomes de pássaros para os homens e nomes de flores para as mulheres.

2. Os circuitos socioculturais da área urbana e a elaboração de uma velhice ativa em Parintins

Os modos de vivenciar a velhice sofrem influências diretas do lugar em que se vive. Cria-se um laço forte entre relações do cotidiano, experiências, percepções e valores que interligam-se com as questões culturais, simbólicas, políticas e sociais do local. Segundo Nogueira (2008, p. 13), “a cultura é a mais profunda e complexa forma de conexão entre a vida interior e exterior de indivíduos e coletividades”, ela é construída através de ações, onde os indivíduos criam seus próprios referenciais de vida.

Os velhos da área urbana de Parintins estão inseridos em circuitos socioculturais diversificados. O cotidiano deles é repleto de atividades de interação com outras pessoas, velhos e não-velhos. As relações sociais construídas são consolidadas e significativas, pois os locais frequentados são espaços de alegria, entretenimento e relacionamentos. Deste modo, valores e significados são dados às suas velhices na vivência na área urbana de Parintins.

A religiosidade é um fator de grande destaque na vida dos velhos. O catolicismo tem a predominância de seguidores no município, porém muitas vezes a religião católica hibridiza-se com as crenças indígenas. A comunidade evangélica também é expressiva, assim como existem os espaços de religião de matriz africana, onde as pessoas mantêm cultos às divindades. Explicita-se a grande e assídua participação destes nas missas aos domingos, comumente bem cedo na parte da manhã, sendo o primeiro ato realizado ao iniciar o dia. Os velhos participam nas Festas dos Santos, os “arraiais”, que são realizados no decorrer do ano em homenagem aos santos padroeiros.

A devoção dos velhos se expressa na dedicação ao trabalho nas secretarias das paróquias e, além disso, em tempos de festas, atuam participando das organizações das barracas, vendas de bingos, guloseimas e outras atividades em colaboração com a festa. Participam nos corais, apostolados de oração, grupos compostos por senhoras e congregados marianos, grupos compostos por senhores, visitam doentes, participam das novenas e missas com orações e cânticos e participam da festa das pastorinhas, manifestação religiosa onde as

peessoas saem às ruas fantasiadas de ciganos e que levam alegria com representações para celebrar a chegada de Jesus.

Sobre a ligação dos mais velhos à religiosidade, Bigossi (2014, p. 03) explicita que estes:

Engajam-se nesses trabalhos de transmissão religiosa, como um valor a ser repassado e perpetuado para as demais gerações. A religiosidade é vivenciada na ajuda ao outro e o valor trabalho torna-se também uma expressão de fé, duas categorias evocadas pelos idosos e que se cruzam permanentemente na busca pela longevidade.

É nesse contexto que o trabalho nas Igrejas, as atividades realizadas e as participações nas manifestações religiosas constituem-se como um modo não somente de expressão de fé, mas de serviço, gratidão e conseqüentemente faz parte da construção de ser velho na área urbana de Parintins. Para além das atividades religiosas, somam-se também a leitura da Bíblia em casa, a reunião com a família, com os amigos, os conselhos dispendidos aos mais jovens, o repasse de valores, a ajuda ao próximo e outras ações que se constituem como parte dos valores dos velhos da área urbana de Parintins.

Em Parintins, há também grupos de idosos “ativos” que participam de centros de convivência espalhados pela cidade, onde se reúnem para realizar atividades físicas, jogar, dançar, conversar e se divertir. Nesses espaços de socialização, os velhos contam com o apoio de uma equipe multiprofissional, como fisioterapeuta, massoterapeuta, instrutor de exercícios, dança, dentre outros. De acordo com Sousa (2010, 113-114):

A inserção dos idosos nos programas garante uma série de mudanças que indiscutivelmente podem ser potencializadoras de uma vida mais ativa, menos solitária, com elevação da autoestima, de alegria de viver, de sentimento de valorização, aumento de amizades e até mesmo mobilização.

Bromélia, 85 anos, participante do Centro de Convivência do Idoso, destaca como acha importante participar do Centro de Convivência. Observa-se na fala a importância das redes de sociabilidade com outros idosos e o sentimento de pertença que supera os estereótipos socialmente construídos que estigmatizam os velhos nos outros espaços públicos.

É importante porque todos lá são alegres. Quando eu chego, todo mundo vem falando comigo, eu sou feia, caboca, mas todo mundo fala comigo. Lá no Centro, o que eu mais gosto de fazer é a atividade física e dançar. Vou também participar no núcleo do Macurany, São

Benedito e Djard Vieira, tudo por aí eu visito (PESQUISA DE CAMPO, 2016).

Os velhos que participam do centro de convivência relatam que vivem mais alegres e felizes, pois as atividades e o contato com os amigos possibilitam o esquecimento dos problemas e não sentir o peso da chegada da velhice. Relatam, ainda, que as atividades realizadas fazem com que se sintam mais fortes, ativos e vivos, capazes de realizar todas as atividades cotidianas sem queixarem-se tanto de dores.

Na área urbana de Parintins, os velhos também participam de diversas festas e manifestações culturais. Na festa do boi-bumbá, por exemplo, eles estão junto à galera (arquibancada do bumbódromo que reúne os torcedores dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso), no momento de apuração das notas dos dois bois-bumbás, na velha guarda (grupo tradicional cheios de muitas histórias) e na Batucada do Garantido e Marujada do Caprichoso, integrando o conjunto de ritmistas, assim como também participam da cênica nas figuras típicas regionais no bumbódromo, local de realização da festa.

Sejam como torcedores, organizadores ou brincantes dos bois-bumbás, os velhos são respeitados, pois são tidos como um grande patrimônio que guardam a tradição do folclore em suas memórias desde o início do festival, quando era apenas uma brincadeira de rua. O gosto por essa brincadeira foi passando de geração em geração, dando continuidade em suas famílias.

Para além da festa do boi, há velhos que frequentam clubes e associações de bairros para dançar, bares onde tocam bolero e forró, vão a balneários, praças e nas festas promovidas pelos núcleos de idosos. Alguns participam nas manifestações culturais, como quadrilhas e a Festa das Pastorinhas. Porém, com o avançar da idade, essa participação vai diminuindo, geralmente por conta dos agravos de saúde ou pelo declínio da capacidade física que dificultam a locomoção. Crisântemo, 63 anos, “puxador” relata que:

Vou ao bolero porque são músicas que eu gostava de dançar quando era jovem e gosto até hoje. Frequento o “Caracol” e também o “Clube Mangueirão”. Quinta-feira vai ter festa dos velhos e vou lá, de outras festas mesmo, só gosto do boi-bumbá. Eu gosto dos dois bois, mas sou Caprichoso, sou sócio, faço parte da agremiação, sou artista, sou músico e me sinto feliz, toco surdo de marcação há 28 anos. Participo da Festa da Padroeira, sou religioso e vou. Quando posso, compro o bingo, ajudo, vou e participo trabalho na confecção do andor da Santa.

Os circuitos de socialização dos velhos que residem na área urbana de Parintins são permeados pela forte participação nas festas religiosas, como expressão de sua devoção e fé,

mas também nas festas seculares, onde articulam redes de sociabilidade entre si mediatizado pela expressão corporal da dança. Nesse sentido, vemos a mistura entre o sagrado e do profano se combinarem para dar o tom em algum dos aspectos de significação sobre ser velho na área urbana de Parintins.

Para Durkheim (2000), a religião é algo sagrado, extraordinário, e tudo que for oposto a isso, ou seja, ordinário e do mundo, é profano. Na área urbana de Parintins, é muito forte essa ligação, começando com as próprias raízes da festa do Boi. “O boi ajudou a construir a Catedral de Parintins. A igreja acompanha atenta a caminhada dos Bumbás. O povo ‘brinca de boi’, cultua a sua Padroeira do Carmo e encena, com maestria, a Paixão de Cristo.” (SUZANO, 2006, p.164). O boi nasceu junto com a igreja católica, não há briga, tampouco preconceito. Os velhos participantes assíduos e praticantes da Igreja tem o boi bumbá como uma manifestação folclórica, uma brincadeira onde todos podem participar e se divertir. Percebe-se que as pessoas mais velhas gostam de estar sempre com contato com os outros, em locais alegres e de sociabilidade para se sentirem alegres, vivos e ativos.

Outra expressão que delinea as significações de ser idoso na cidade de Parintins são os saberes tradicionais utilizados por benzedeiros (as), rezadeiras (as) e puxadores. Geralmente velhos, a sabedoria e experiência dessas pessoas fazem com que sejam valorizados e gozem de prestígio social na cidade de Parintins, pois acredita-se que possuem um “dom”, sendo sempre procuradas. Comumente fazem atendimento aos “enfermos” em suas próprias casas, em geral, um local humilde, decorado com imagens de santos, que são os protetores, velas, utilizada para dar força e afugentar maus espíritos, terços, que representam a presença de Deus no local e fitas, que significam as promessas feitas. Seguem deste modo promovendo a cura pela fé, por meio de remédios caseiros, amuletos protetores dentre outras coisas.

De acordo com Trindade (2013, p.73):

A consulta à benzedeira ou a procura de seus serviços ocorre em sua residência. As benzedeadas têm um papel social bem definido: o de trazer conforto, saúde e alívio aos males das pessoas que não encontram ou não procuraram na medicina oficial a solução para os seus problemas, mesmo que o ofício da benzedeira interfira no campo da saúde institucionalizada, numa relação nem sempre harmoniosa. Estabelece-se um paralelo entre o saber erudito investido da armadura do conhecimento científico e o conhecimento popular visto como senso comum, marginal.

A relação entre os velhos que realizam essas práticas e as pessoas que recebem as bênçãos e curas é de grande significação. Isso faz com que o velho seja valorizado e respeito

pela sua sabedoria. Essas pessoas que tem o dom de curar através de puxações, rezas e remédios caseiros, cuidando da desmentidura, do mau-olhado, do quebranto são, em sua maioria, mulheres. Esse conhecimento tradicional, durante muito tempo, foi mal visto e marginalizado, relacionado à bruxaria, porém com o passar dos anos essas práticas ganharam importância social para a população local, sobretudo em razão da ineficiência e sucateamento dos serviços públicos de saúde.

A maioria das velhas que realizam essas práticas considera que recebeu o dom ao nascer e no decorrer de suas vidas foram descobrindo-o e utilizando para o auxílio ao próximo, como forma de missão nesse mundo que, deve ser exercida de forma gratuita e não mercantilizada, apesar de considerarem essa atividade como um “trabalho”. Para Jasmin (75 anos), benzedeira:

Eu tenho um dom que Deus me deu desde criança. Comecei a trabalhar com 13 anos e eu trabalho até agora e eu me sinto bem. Não ajudo de forma financeira, ajudo no que Deus me deu de ensino pra eu poder ajudar as pessoas. Eu jogo carta, faço vidência, eu faço massagem, pego desmentidora, isso é uma ajuda muito boa, melhor do que se eu tivesse ajudando financeiramente, porque eu estou ajudando de bom coração aquela pessoa. As pessoas me procuram muito por causa disso.

Os velhos que detém algum dom buscam resolver os problemas de saúde e espirituais de quem lhes procuram e após realizarem seus ritos, acreditam que as pessoas serão curadas, por isso sentem-se gratificados por utilizar seu dom para o bem. Na cidade de Parintins, eles são muito solicitados, porém não gostam de se auto-promover ou tirar proveitos financeiros de quem atende, mas alguns aceitam gratificações quando as pessoas estão dispostas a retribuir a benção recebida. Essa forma de agradecimento contribui para o sustento desses velhos.

O retrato da velhice na cidade de Parintins é revelada também através de imagens de velhos que continuam trabalhando como tricicleiros, artesãos, vendedores de picolé, de banana frita, de pipoca, de jogos de azar nas esquinas das ruas, peixeiros nas feiras, cabelereiros, barbeiros, relojoeiros, vendedoras nas bancas de tacacá, de churrasco, de bolos, guloseimas etc. Alguns são aposentados, outros, por falta de informação ou por não terem idade suficiente ou tempo de serviço, não conseguem receber a aposentadoria/benefício assistencial.

Para os velhos trabalhadores, homens e mulheres, é de grande importância a permanência no trabalho tanto para contribuir no sustento de casa quanto para se sentirem

úteis. O trabalho continua sendo a atividade que responde à satisfação das necessidades básicas e também a realização do ser social. Para Gavião (62 anos), tricicleiro:

Meu dia-a-dia é levantar, tomar banho e fazer trabalho na rua de triciclo, fazer serviço, voltar para casa à noite, deitar, escutar cânticos da igreja, depois durmo. Eu não gosto de estar parado em casa. Enquanto eu estou andando, podendo fazer alguma coisinha, eu vou fazer. Para mim, ficar sentado, parado, podendo andar, podendo fazer algo na rua, não dá não, nem se eu tivesse um recurso como um aposento.

O rompimento com o trabalho realizado fora de casa sinaliza para os velhos que é chegada a hora da velhice. Esse desligamento é sentido com mais intensidade pelos homens, que sempre tiveram como lugar de referência o trabalho, e menos pelas mulheres, que apesar de algumas trabalharem fora, nunca conseguiram se desligar das atividades domésticas. Ainda assim, para a maioria das mulheres que chegaram à velhice, o trabalho é um fator de independência, sobretudo porque ao longo de suas vidas dependeram financeiramente de seus companheiros e dedicaram suas vidas ao cuidado dos filhos, conforme o relato de Violeta (62 anos), cabelereira:

Gosto do meu trabalho de cabelereira e barbeira. Vejo o movimento, não fico pensando besteira, nem em doença, esqueço tudo e venho para cá. Eu sempre gostei de trabalhar, trabalhar e trabalhar. A gente sobrevive através do trabalho, do dinheiro, das coisas, trabalho para sobrevivência.

O trabalho, os saberes tradicionais, a participação nas manifestações culturais, incluindo as festas religiosas e seculares e os espaços de convivência social são circuitos socioculturais de inserção dos velhos que residem na área urbana de Parintins. A inserção nesses espaços delineiam contornos específicos sobre ser velho e permeiam aspectos que dão significação às suas vidas. O ritmo agitado da vida urbana divide espaço com o tradicional e o moderno e nos faz perceber que a velhice vivenciada pelos velhos na área urbana de Parintins é uma velhice ativa, em razão da permanência no trabalho e no estabelecimento das redes de sociabilidade, que se constroem nos espaços de convivência e nos bailes para a “terceira idade”. Também é uma velhice respeitada graças aos conhecimentos conservados na memória e traduzidos na oralidade contada pelos mais velhos, como forma de manter viva a tradição das manifestações socioculturais, como no caso do boi-bumbá. Esse respeito também valoriza os saberes tradicionais dos mais velhos, herança da cultura indígena e afro-brasileira. Paralelo a tudo isso, a religiosidade devota demonstra dedicação, amor ao próximo e a vontade de servir, como formas de ser-no-mundo (BEAUVOIR, 1990).

3. Saberes tradicionais e relação homem-natureza na constituição das formas de viver a velhice nas comunidades rurais de Parintins – AM

A vida na área rural possui diversas características diferentes do modo de viver da área urbana. O sentimento de segurança, liberdade e solidariedade são marcas de um povo vivente das comunidades e agrovilas das áreas rurais de Parintins. Em meio a mata fechada se escondem velhos pescadores, católicos, benzedores, rezadeiras, parteiras e curandeiros, filhos do Amazonas, herança do negro, do índio e do caboclo. Embora Parintins seja conhecida e literalmente seja uma ilha, seus limites territoriais perpassam um pequeno conjunto de terras. O grande e lendário rio Amazonas, condutor de uma fauna aquática muito rica, nos levam às comunidades distantes e próximas da cidade ao mesmo tempo. A área rural de Parintins possui diversas comunidades, sendo as mais distantes e maiores conhecidas como “agrovilas”, núcleos populacionais construídos para servir de abrigo e oferecer assistência às comunidades ramificadas do seu território (PESQUISA DE CAMPO, 2016).

As agrovilas, onde centralizamos o levantamento de dados, foram as de São Sebastião do Caburi e São João do Mocambo. A cerca de 4h à 5h de barco da cidade de Parintins, essas agrovilas tem em seu trajeto principal o rio Amazonas, seguido por passagens em igarapés e furos, mostrando o seu isolamento em relação à área urbana de Parintins. As comunidades onde desenvolvemos o restante da pesquisa foram a de Vila Amazônia e Bom Socorro do Zé-Açú, mais próximas à área urbana, ainda assim podemos perceber a grande diferença no modo de vida.

Os velhos residentes da área rural possuem características semelhantes. A fé alicerçada no catolicismo é comungada majoritariamente nessas comunidades e agrovilas, assim como o desenvolvimento de atividades laborais conjugadas ao recebimento de benefícios, como a aposentadoria e o Benefício de Prestação Continuada.

Outros fatores semelhantes são as práticas de cura e automedicação, o uso de ervas e folhas para a realização de chás e remédios, assim como os mistérios e encantamentos oriundos das matas. Histórias de gente que cingera e relatos verídicos de quem presenciou a aparição de visagens são características que expressam o modo de vida dos velhos e das velhas da área rural de Parintins. Tanto na área urbana quanto na rural, a importância do trabalho para o velho é essencial, tanto para o aumento da renda no fim do mês, quanto para sentir-se útil. Na área rural de Parintins, podemos ver a inserção dos velhos em atividades no

campo, na pesca, no comércio, artesanato e costura, combinados com outra fonte de renda, a aposentadoria.

A pesquisa de campo realizada em 2016 apresenta uma grande porcentagem de velhos que ainda estão ligados à agricultura, são 25% dos velhos da área rural que ainda desenvolvem atividades no cultivo da terra. São plantações de macaxeira, feijão, melancia, banana e mandioca que resulta na elaboração da farinha, beijus, massas e gomas. Os velhos afirmam terem trabalhado por muito tempo para o sustento da casa e dos filhos na agricultura, e essa atividade se faz presente até hoje em suas velhices, porém com o ritmo mais desacelerado por conta das limitações físicas que comprometem a sua força.

Os pescadores são considerados “patrimônios” dessas comunidades. São 33% dos velhos que ainda exercem a pesca e para eles não é apenas trabalho, mais um momento de diversão, pois muitos possuem amor pelo que fazem, além de sentirem-se satisfeitos com esta atividade. A pesca é iniciada ainda na juventude e não possui prazo de validade, pois conjuga a subsistência e o amor pelo trabalho.

Outros 17% dos velhos exercem atividades ligada ao comércio, uma prática comum nas comunidades e agrovilas. As casas desses velhos se transformam em tabernas, onde a sala da casa é tomada por várias prateleiras e as grandes portas de rolar são comuns nas cidades para a entrada dos consumidores. Nas comunidades, são substituídas por janelas onde o contato com os produtos é restrito, porém o diálogo ainda é marca do velho comerciante da área rural.

Outras atividades presente na vida desses velhos é a prática do artesanato e costura, representada por 25% dos velhos. Essa atividade é bem mais comum às mulheres velhas. Geralmente são tapetes, confecção e reparos de roupas, assim como crochês e bordados. Essas mulheres também desenvolvem essas atividades para complementar a renda, mas também fazem por prazer. Muitas afirmam sentirem-se felizes em ainda poder costurar, porém se preocupam com o momento que precisarão parar porque não terão mais forças para continuar.

Outra característica da vida na área rural é a fé, ligada ao catolicismo, muito presente na vida dos velhos. Porém, na vida rural, podemos ver marcas de um catolicismo popular que, segundo Maués (1999, p.171), “representa aquele conjunto de crenças e práticas socialmente reconhecidas como católicas, de que partilham sobretudo os não-especialistas do sagrado, quer pertençam às classes subalternas ou às classes dominantes”. Essas crenças e saberes são combinados a diversos fatores, como a união de elementos culturais, originados

dos saberes caboclos, indígenas e de negros dando origem ao catolicismo popular, através do culto aos santos, expressados nas festas das comunidades e agrovilas.

O culto ao santo é prática comum na região e em todo Brasil, sendo instituído pela Igreja Católica através do regime do padroado desde a época da colonização (MAUÉS, 1999). Assim sendo, culturalmente é comum a nomeação das comunidades rurais com nomes de santos, sendo presente assim nas comunidades pesquisadas.

Os velhos mantem a fé alicerçada no catolicismo. Velhos pescadores, católicos, benzedores, rezadeiras, parteiras e curandeiros, fazem parte do circuito de convivência da igreja. Estão presente nas missas, ladainhas e alguns exercem atividades na igreja. As festividades ocorrem, principalmente, a partir do mês de junho com a chegada do verão amazônico por conta da fartura do pescado e da colheita que proporciona prosperidade econômica e, por isso, merece comemoração e festividade. Os padroeiros das comunidades sempre convidam os devotos às programações que se estendem durante semanas.

Os velhos afirmam participar das atividades da igreja, porém apenas aquelas que eles julgam ser “santa”, ou seja, aquelas que são denominadas sagradas. Lá, participam da missa, das ladainhas e das rezas. A parte profana se resume na derrubada do mastro, na festa dançante e arraiais. Muitos velhos afirmam não possuir mais idade para estar no ambiente de “farra”, porém na sua juventude dizem ter desfrutado de todos esses momentos. Assim, sua participação fica por conta do cortejo ao santo na procissão, no pagamento de promessas e nas rezas. Pagacões de promessas ligadas a uma benção, em grande maioria na área da saúde, outro ponto destacável na vida do velho da área rural.

As doenças que na cidade são curadas nos hospitais e postos de saúde através de remédios, na área rural são curadas através da automedicação e práticas de cura provenientes de saberes tradicionais. Em todas as comunidades, a figura dos benzedores, rezadeiras e curandeiros é presente e de fácil acesso. As casas desses senhores e senhoras são verdadeiros hospitais onde eles desenvolvem através da sabedoria da mata remédios voltados à cura de quem procura os seus serviços.

Assim, Trindade, (2013, p. 68) afirma que:

Podemos perceber que a crença nos antigos pajés Parintintin se assemelha em muitos aspectos a fé dos benzidos e nas benzedoras, pois os povos tradicionais da Amazônia herdaram hábitos e modos de interagir em seus rituais a partir da visão do índio que conseguiu manter parte de seus costumes na sociedade amazônica que ele ajudou a produzir.

O trabalho desses velhos na comunidade é visto com muito respeito pela comunidade e podemos observar que o fato de acreditar na cura oriunda desses velhos está ligada à prática de cura indígena. Na cultura indígena, tem-se a figura do pajé (chefe espiritual indígena, que desenvolve pajelanças através de benzeduras e bruxarias) que podemos ver grande semelhança com esses velhos que praticam a benção e reza. Essa herança cultural herdada dos índios se faz presente até hoje através da cura. Semelhante às pajelanças, rituais e rezas cantadas dos índios, a benção nessas comunidades e agrovilas ainda possuem marcas desses rituais, como na elaboração de garrafadas, onde no momento da preparação a reza é presente.

Sobre as rezas, Galvão (1976, p. 89) afirma que:

As rezas ou orações que usam, diferem daquelas do ritual católico no seu sentido que não constituem invocações por meios de comunicar-se com a divindade, mas possuem em si próprias o poder de curar. A forma e o conteúdo das rezas varia segundo o praticante e a situação específica para que são destinadas.

Como podemos ver, as rezas proferidas por esses benzedores e rezadeiras são diferentes daquelas realizadas nas cerimônias da igreja católica, comum nas ladainhas e novenas. E há diversas rezas para os mais diversos tipos de situações. Há rezas para ossos quebrados, desmentiduras, gripe, dor de cabeça, quebranto, dores de dente etc. Um processo em que a reza está presente é na costura da rasgadura (distensão muscular), onde através da reza e de um diálogo entre benzedor e benzido demonstrado abaixo:

Benzedor: Quem eu benzo?
Benzido: Sou Maria das Dores.
Benzedor: O que eu costuro?
Benzido: Carne rasgada.

Através desse diálogo entre benzedor e benzido, acredita-se que a rasgadura passa pelo momento de costura. Além da reza, com um pano enrolado, o curandeiro faz menção de que costura em cima do local da carne rasgada e essa reza é repetida sete vezes e, respectivamente, é o número de nós feito no pano. Depois desse procedimento, o benzedor dá o pano costurado ao paciente e ele leva para pôr em uma árvore por nome de sucubeira onde o pano costurado será fincado na ponta da faca.

Para os velhos que vivem nas comunidades e agrovilas, a importância de ter esses benzedores e rezadeiras é de extrema necessidade, pois muitos afirmam procurar os postos de saúde e médicos, porém outros não, como o Galo da Serra, 66 anos: “Olha, eu faço primeiro meus remédios. Quando não faço, eu ensino para fazerem para mim”. Esses remédios, em sua

maioria, são garrafadas, banhos e chás. As garrafadas são feitas pelos benzedores por conta das rezas que precisam ser acompanhadas no preparo, porém há quem faça sem exercer a benção.

As garrafadas são feitas com a finalidade de dar ânimo, curar doenças (como o câncer) e também como estimulante sexual. É geralmente feita por quem tem conhecimento não apenas da benção, mas principalmente o conhecimento dos efeitos das plantas medicinais. Essas plantas que possuem efeitos curativos e calmantes estão a acesso de todas as pessoas da comunidade. O conhecimento científico das propriedades das plantas é desconhecido a esses velhos, mas todos sabem seus efeitos quando fervidos e transformados em chás.

Os chás possuem propriedades biologicamente comprovadas, como analgésicos e calmantes, muitos remédios hoje desenvolvidos possuem bases desses conhecimentos. Os velhos que possuem essas práticas sempre procuram cultivar essas plantas em seus quintais. Na área rural é muito comum ver as casas rodeadas por plantas com esses efeitos medicinais. Detectamos também a presença dos banhos, que são feitos por rezadeiras, tendo como ingrediente as plantas.

Os banhos são feitos para várias finalidades. Muitos são feitos para trazer nova sorte, outros para afastar mal-olhado, assim como para tirar a tolice de crianças e até mesmo para aliviar a raiva de uma pessoa. Esses banhos são feitos com folhas de baunilha, lima, vassourinha, maracau, sabugueiro, pelé-pelé (espécies de plantas), entre outros. Os banhos em geral são feitos por benzedores e rezadeiras. Em grande maioria, as rezadeiras possuem outros dons, como o de partejar crianças, pegar desmentidura, concertam rasgadura, benzem quebranto (fraqueza), entre outros.

Para Galvão (1976, p. 105) os curadores são muitos devotos como os católicos, participam das festas de santo, acompanham novenas, porém não misturam o ritual católico com seus processos de cura, pois embora possuam fundamentos cristãos (ajudar o outro), a cura está ligada a pajelança. Para rezadores e benzedores, a cura possui significado mágico e permeia a camada natural. Não há escolas que instruem a pegar ossos, a partejar, benzer e curar, sendo isso realmente um dom particular de cada indivíduo ligado totalmente a forças mágicas e encantadas.

As visagens estão no imaginário de quem mora na área rural, e isso torna-se habitual, como afirma a fala:

Conheço, eu nasci e fui criado aqui. Eu vi visagem diversas vezes. Olha, aqui nesse campo quando era dez horas da noite a gente já estava deitado, naquele tempo tinha energia só até nove horas da noite e não tinha muito o que fazer e aí se escutava, quando passava um vaqueiro gritando: “ehhhhhh” e o pessoal foi acostumando, e eu acredito que era visagem, mas o dono dessa terra disse que era mãe do campo, outros dizem que é encantado, porque aqui deve ter ouro essas coisas enterrado (ARARA AZUL, 77 anos).

Como podemos ver na fala de Arara Azul (77 anos), a presença da visagem não traz incômodo e sim um temor. Outros seres encantados que despertam medo são as pessoas que cingeram para bicho. “Cingerar” caracteriza um processo de metamorfose de ser humano para um ser encantado ou amaldiçoado que malina das pessoas. A maioria dos casos é de velhos que cingeram para porcos, galos e até cavalos.

Desta forma, podemos perceber a presença das visagens e seres encantados como entidades protetoras que guardam os elementos naturais, tais como os rios, as matas e os elementos que são importantes para esse povo. Envelhecer na área rural é cercado de mistérios, alegrias e segredos. Os saberes, as rezas, as curas e diversos outros conhecimentos prolongam a vida de quem desfruta da calmaria de estar na área rural.

4. Conclusão

As formas de envelhecer diferem de um lugar para o outro e as construções sociais adquiridas ao longo da trajetória de vida de cada um refletem nessa forma de viver a velhice. Na construção da identidade e dos caminhos em busca da qualidade de vida dos mais velhos, pode-se observar que estes não avançam isolados em suas trajetórias, mas compartilham experiências socioculturais com seus semelhantes, desenvolvendo formas de relações sociais diferenciadas. Em cada lugar, a dimensão do tempo e do espaço configuram formas diferenciadas de viver a velhice, que misturam o tradicional e o moderno.

Tanto na área urbana quanto na área rural, observa-se que os velhos utilizam-se de saberes tradicionais, seja por meio dos chás e de banhos para a manutenção de sua saúde. A consulta também às rezadeiras e benzedadeiras é comum, bem como o prestígio que estas pessoas possuem pelo dom de curar. A ligação com a Igreja, em especial o catolicismo, é muito forte, através da fé e da devoção, através da proteção dos santos. Por isso, participam de festividades em homenagem a estes, bem como acreditam em promessas e realizações de pedidos.

Viver a velhice em Parintins é viver imerso dentro desse grande universo com influências culturais que perpassam a formação social da Amazônia. A vida ativa, a alegria, o

bem-estar e os modos que criam para afugentar as doenças e os males da vida são peculiares e estabelecem contornos específicos que elaboram e reelaboram a velhice na Amazônia.

5. Referências:

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Editora: Nova Fronteira, 1990.

BIGOSSI, Fabiela. **Envelhecimento e religiosidade**: a sociabilidade construída através da fé. In: Revista Nures, Ano X, 27, maio-Agosto, 2014.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2007 e 2010.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

MAUÉS, Raimundo Heraldo. **Uma outra “invenção” da Amazônia : religiões, historias e identidades**. Belém: Cejup, 1999.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas – boi-bumbá, ciranda e sairé**. Manaus: Editora Valer, 2008.

SOUSA, Valmiene Florindo Farias. **Cidadania e envelhecimento em Parintins/AM: Entre a convivência social e os serviços públicos**. In: Somanlu, ano 10, n. 2, jul./dez. 2010.

TRINDADE, Deilson. **As benzedeadas de Parintins: práticas, rezas e simpatias**. Manaus: EDUA, 2013.